

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPA-
GANDA, VIAGENS,
NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA ◻ ◻ ◻

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VIII
II SERIE

MARÇO 1924
N.º 141

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

A questão hoteleira em Portugal

O MAIS IMPORTANTE PROBLEMA DO TURISMO

PELA descrição que temos feito do que se passou no Congresso Internacional de Hotelaria, ha pouco realizado em Nova-York, pode avaliar-se qual o grau de importancia que a industria hoteleira tem presentemente na situação mundial.

Muito intensionalmente démos o maior relevo ás conclusões aprovadas pela magna Assembleia do Congresso, a fim de, mais uma vez, pômos deante dos espiritos portugueses, adormecidos em captalepsia, o reagente das comparações subentendidas, que, infelizmente, só nos colocam em semelhança e paralelo aos paizes... pouco civilizados, onde ainda hoje se desconhece, por assim dizer, o que seja uma instalação hoteleira. Não quere isto dizer que atiremos, sobre todos os hoteleiros portugueses, a responsabilidade da nossa critica situação em materia de hoteis. Ha felizmente excepções, embora poucas. Os que tem querido vencer toda a sorte de dificuldades para a pratica de uma bela e patriótica idéa, qual seja o de dotar o nosso paiz com hoteis, dignos d'esse nome, sobretudo nas principaes cidades e estancias de turismo, teem-se visto desajudados, isolados mesmo, para levar de vencida

o seu plano. As contrariedades, as invejas, o retrahimento, aliados á pouca confiança na situação do paiz, e a duvida nos resultados da exploração d'uma industria que demanda um grosso volume de capitaes, teem sido, por assim dizer, os mais importantes obices á execução de vontades e planos já esboçados para a formação d'uma grande empreza hoteleira. Mas não só esses obstaculos devemos contar no numero dos que teem impedido a satisfação d'essa instante necessidade para a situação moral e material do nosso paiz. Outros e poucos decorosos casos se teem dado, e que são do nosso conhecimento; não os referindo já por esperarmos uma confirmação que vamos procurar e que nos dê segura base para cital'os e aprecial'os.

Há, ainda, porem, a manifestar-se, um outro motivo de desconexação a que nos já referimos n'esta Revista e que, reflectindo bem como tem sido e está sendo feita, em geral, a exploração da industria hoteleira, constitue um entrave— digamos melhor: uma barreira a todas as tentativas que os bons desejos e as decididas vontades teem infructiferamente premeditado.

Essa barreira é simplesmente representada pelo facto da industria hoteleira em Portugal ser exercida por elementos heterogeneos, sem principios nem educação, sem methodo e sem fim que não seja *explorar*.

Este facto não é d'agora; constata-se já de ha alguns annos a esta parte.

Entre outras provas que podemos produzir como afirmação d'esta nossa asserção, basta citar unicamente esta: Em o n.º 114 d'esta Revista, referido 5 de Dezembro de 1921, publicámos, no devido logar de honra, um artigo do nosso bom amigo e distincto hoteleiro Sr. Leon Kues, subordinado ao titulo *Sociedade Portuguesa de hoteis*, no qual o seu proficienteissimo auctor preconisou, como meio eficaz para o desenvolvimento do turismo em Portugal, a criação d'essa Sociedade. Com a auctoridade que todos lhe reconhecem, Leon Kues, lançou n'esse artigo as bases d'uma Federação hoteleira—que outro fim não tinha, por assim dizer, a constituição d'essa sociedade; pois, sendo-lhe atribuida uma ação tão vasta como complexa—segundo o enunciado no mesmo artigo, no sentido de tornar homogenea, subordinada a um são e ordenado criterio, a exploração dos hoteis portugueses—ela visava tambem e muito especial-

mente a garantir e defender eficazmente os interesses directamente ligados a essa exploração.

Era uma bela idéa que, em qualquer parte que não fosse o nosso paiz, teria recebido logo um expontaneo e entusiastico acolhimento.

Não succedeu, infelizmente, assim. E o seu auctor, desiludido das esperanças que alimentou, tendo somente em mira ser util a uma patria que, não sendo a sua, o encantou pelas belezas que o suprehenderam desde que n'ela deu entrada, só poude ter como atenuante, a essa sua magua, a mais plena e cabal confirmação da sua idéa, na conclusão aprovada na Assembleia geral do Congresso de Nova-York, onde a boa fortuna o levou como fazendo parte da Delegação Portuguesa.

Essa conclusão reza assim:

«Convidamos os governos das nações onde a hotelaria é ainda uma fraca industria, a tomarem sobre si o encargo da sua organização unificada, tal como foi feito na França e na Suissa»

Por hoje limitamo-nos a estas constatações, reservando-nos para breve proseguirmos nas nossas apreciações.

JOSÉ LISBOA

ALBUM ILUSTRADO DA «COTE D'AZUR»

A Companhia dos Caminhos de Ferro de Paris-Leon-Mediterranéé, no intuito de atrahir ás suas linhas um grande movimento de passageiros, acaba de publicar um album ilustrado, contendo vinte e quatro belas gravuras da «Côte d'Azur» acompanhadas d'uma sucinta descripção dos pontos, belos e atrahentes, que essas gravuras reproduzem.

Este album faz parte d'uma série de albums que a mesma Companhia pensa editar, referindo os pontos mais atrahentes servidos pelas suas linhas.

PADUA FRANCO

Só agora soubemos do fundo desgosto por que passou o nosso querido amigo e distincto Director da Sociedade Propaganda de Portugal, sr. Jayme de Padua Franco, com a morte de sua virtuosa esposa, que se deu ha pouco em Paris.

A *Revista de Turismo* registando dolorosamente esse triste facto, endereça a esse seu bom amigo a expressão do seu mais sentido pesar.

O sr. Jayme de Padua Franco, que esteve em Lisboa tratando de diversos assumptos relativos á Sociedade Propaganda, regressou já a Paris, onde centralizou e d'onde inspeciona o importante serviço de propaganda sobre Portugal que a Sociedade Propaganda mantem no estrangeiro sob a habilissima direcção d'aquelle nosso amigo.

A "REVISTA DE TURISMO,"

E A SITUAÇÃO DA IMPRENSA

TODAS as pessoas que, em Portugal, lêem jornaes não desconhecem a difficilima situação porque está atravessando a imprensa portuguesa, visto que todas as receitas dos jornaes quotidianos — se bem que augmentadas já, pelo menos trinta vezes — são muito inferiores aos fortissimos encargos a que teem de fazer face e que sobem, dia a dia, na mais desmedida proporção e sem possibilidade de qualquer previsão.

Isto dá-se com os jornaes, cujo preço era de 10 réis e custam actualmente 30 centavos, ou seja trinta vezes mais, como já dissemos.

Ora a Revista de Turismo, que não tem absolutamente ninguem que a subsidie ou entidade alguma que se preste a cobrir os seus déficits, ainda não vende trinta vezes mais caro os seus exemplares, como seria logico; pois que, tendo sido o seu preço inicial de 50 réis, eles custam hoje um escudo, preço avulso; porquanto os exemplares fornecidos por assignatura sahem ainda mais baratos.

E as nossas despesas não são inferiores às dos diários. Por isso se pode ver quanta soma de sacrificio empregamos para manter esta publicação e qual o prejuizo que estamos suportando para que ela tenha ainda vida, no simples intuito de não acabar com a unica revista que em Portugal se dedica exclusivamente á preciosa industria do turismo e a defende com o maior entusiasmo e o mais são patriotismo.

E' nossa ideia suportarmos esta precaria situação até ao fim do oitavo ano de existencia d'esta Revista, que termina com o numero de Junho proximo, pondo para isso á prova os ma-

ximos esforços — que não podem deixar de ter um limite.

Depois, proseguiremos n'esta ingloria lucta se os nossos assignantes e anunciantes estiverem dispostos a auxiliarnos n'esta cruzada; aceitando o augmento com que a força das circunstancias nos obrigue a sobrecarregar o preço de venda da mesma Revista.

Todavia — é esta a razão do nosso apelo — vimos implorar dos nossos assignantes da provincia, aos quaes vae ser feita a cobrança, pelo correio, da importancia correspondente ao semestre corrente, que finda em Junho proximo — que a satisfaçam logo que lhes seja apresentado o respectivo recibo, a fim de nos evitar um maior agravamento de despesas a que nos obrigará uma nova cobrança; isto se não preferirem mostrar o seu expontaneo aplauso pela nossa obra, enviando-nos, em vale do correio, a importancia correspondente, que é de Escudos 5\$00 (ou cinco mil réis) com o que nos poupariam um novo agravamento do «deficit» do nosso orçamento.

Creemos não ser abusar da benevolencia dos amigos da Revista de Turismo dirigir-lhes este pedido, cujo deferimento aguardamos com a mais fundada esperanza.

Será bom, tambem — para que esta publicação continue a fazer-se regularmente, que todos quantos se interessam por recebê-la lhe prestem o seu concurso material, angariando-lhe assignaturas e promovendo que ela seja escolhida para a inserção de anuncios em relação com a sua indole.

Só assim esta empresa poderá vingar e fazer frente aos obstaculos que a toda a hora se lhe apresentam.

A Sociedade Propaganda de Portugal

E AS COMISSÕES D'INICIATIVA

A exposição que fizémos em o nosso anterior numero, a proposito da situação das comissões de iniciativa, tendo sido devidamente apreciada pelas instancias ás quaes o turismo directamente interessa, levou a Sociedade Propaganda de Portugal a tomar a deliberação de lhes prestar o maximo do seu concurso, para mais facilmente se poder atingir o fim a que visou a promulgação da lei pela qual se instituíram essas comissões.

Assim, aquella patriótica sociedade, reconhecendo o valor incontestavel d'esses nucleos regionaes e o importante papel que lhes está destinado no desenvolvimento do turismo em Portugal; e atendendo, tambem, a que a Repartição Official de Turismo, em vista da especial situação que lhe foi creada, não póde dispôr actualmente dos meios necessarios para prestar a precisa assistencia moral de que carecem esses organismos para que, da sua bem ordenada acção, advenham os mais proveitosos resultados; resolveu nomear um delegado especial para, junto dos seus representantes n'essas comissões, promover tanto quanto possivel a sua acção pratica, encarregando-se de obter as possiveis facilidades para que a missão d'esses nucleos possa estabelecer-se n'uma sequencia ininterrupta, perfeitamente consequente do programa a que elas devem obedecer.

A escolha d'esse delegado especial recahiu no Secretario d'esta Revista, sr. José Lisboa, que, aceitando essa delicada e espinhosa missão, se poz em contacto com o director da Repartição de Turismo, a quem deu conta da distincção que lhe foi conferida e qual o criterio a que fazia obedecer o programa d'essa missão; solicitando-lhe, ao mesmo tempo, os seus bons officios para o bom exito dos esforços que ia pôr em prática.

O distinto director da Repartição de

Turismo, tendo dispensado o melhor acolhimento ao delegado especial da Sociedade Propaganda de Portugal, prometteu-lhe todo o apoio dentro da esphera de acção a que se acha limitado; sancionando com o maior aplauso o programa a que o mesmo delegado vae fazer obedecer a sua especial missão.

E'-nos muito grato constatar este facto, por vermos assim, em perfeita concordancia, as duas unicas entidades ás quaes cabe a responsabilidade directa da organização e orientação da industria de turismo; e comquanto cada uma d'elas tenha bem distincto o seu campo d'acção, o certo é que a Sociedade Propaganda não pode deixar de se considerar o mais directo complemento da Repartição de Turismo, que, como repartição official, não pode nunca dispôr dos faceis recursos inherentes áquella Sociedade.

E', pois, de esperar que a acção comum d'essas duas instancias se faça sentir muito beneficemente para o desenvolvimento e protecção da industria de turismo e sem duvida que este primeiro passo — que a Sociedade Propaganda muito bem deu — será o ponto de partida para essa grande obra, a que as comissões de iniciativa — como organismos complementares — terão de dar um consideravel impulso, se todos os membros de que elas se compõem se compenetrarem da missão que lhes impende e que será dos mais auspiciosos resultados, se se traduzir pela natural consequencia do programa geral a que a respectiva acção deve obedecer.

Confiamos, portanto, no bom criterio e no patriotismo de todos para que esta sympathica tentativa seja coroada do melhor exito; tanto mais que, dada a proximidade da epoca das vilegiaturas no nosso Paiz, não pode ser mais oportuna a ideia da Sociedade de Propaganda.

Como consequencia da sua patriotica tarefa de fazer uma activa propaganda do nosso Paiz no estrangeiro, a Sociedade Propaganda convidou o illustre professor sr. Chagas Franco, da Universidade de Rennes, a fazer uma conferencia em Brest, sobre o nosso paiz, animada com projecções.

O nosso consul n'aquella cidade, sabedor da proxima realisacão d'essa conferencia, secundou entusiasticamente o convite feito ao sr. dr. Chagas Franco, encarregando-se de preparar tudo para o bom exito d'essa conferencia, que por certo resultará brilhantissima, como as anteriores que aquele professor tem pronuciado.

Procura, d'este modo, a mesma Sociedade, no cumprimento da alevantada idéa a que obedeceu a sua constituição, impulsionar de novo o desenvolvimento do turismo em Portugal, para o que, utilizando-se dos seus proprios recursos,

se está aproveitando das oportunidades que a situação lhe proporciona. Representa, por certo, esta nova étape — em face da critica situação que todos estamos atravessando e que não pode deixar de se reflectir muito directamente na vida da mesma Sociedade — mais um pezado sacrificio a que ela, todavia, tenta fazer frente com o maior enthusiasmo; sendo, portanto, justo que todos quantos se interessam pelo desenvolvimento do turismo em Portugal e os que d'essa industria usufruem os mais directos proventos acorram a dar-lhe, não só o mais franco e decidido apoio moral, como uma espontanea assistencia material — que se pode traduzir por novas inscrições, por augmentos das respectivas quotisações ou por qualquer outra forma que lhe possa atenuar as preocupações e embaraços que o difficil momento que atravessamos lhe está causando, para se desempenhar cabalmente da sua patriotica missão.

REGISTO

CORREIO DA MANHÃ

E' com vivo prazer que registamos o aniversario d'este intemerato e brilhante paladino da causa monarchica, ao qual, por esse motivo, endereçamos as nossas affectuosas saudações, desejando-lhe a continuacão d'uma vida muito prospera.

DIARIO DE LISBOA

A este nosso interessante colega apresentamos igualmente as nossas cordeas felicitacões pelo seu aniversario e os nossos melhores votos por uma longa e feliz jornada.

GUERRA MAIO

A convite da Companhia General Transatlantique, o nosso querido amigo sr. Guerra Maio, Director do Posto da Sociedade Propaganda de Portugal, em Paris, acaba de fazer uma viagem a Marrocos, a fim de poder apreciar de «visu» o desenvolvimento que está tomando o turismo para aquele protectorado. N'um proximo numero publicaremos as suas impressões sobre essa digressão.

COMPANHIA PORTUGUESA DE TURISMO

ESTANDO em liquidacão a Companhia Portuguesa de Turismo, que tinha a sua séde no Porto e era proprietaria do Hotel Universal, d'aquella cidade, e do Palace Hotel de Vila do Conde, deve muito brevemente ser leiloadada em praça a propriedade d'esses dois hoteis, bem como dos outros edificios que a mesma Companhia possuia na Praia de Vila do Conde, tais como: casino, balneario, chalets, etc.

CALDAS DE MONCHIQUE

POR Portaria do Ministerio do Trabalho, inserta em o n.º 69 da II serie do Diario do Governo referido a 25 de Março, foi aprovado o programa do concurso para adjudicacão do estabelecimento Thermal de Monchique, nas condições insertas no mesmo Diario.



O TURISMO E A PRIMAVERA

E IS-NOS na Primavera!
 É esta maravilhosa quadra que, em geral, nos vem despertar a idéa das viagens, incitando-nos a gozar todos os encantos, a saborear toda a atração que ela nos proporciona — no mar, nos campos, no ambiente onde se diluem as emanações próprias d'esta bela quadra!

Nenhuma outra sugere tão entusiasticamente esse delicioso prazer; e assim a quasi totalidade dos povos a aproveitam para darem largas a pensamentos phantaziosos, para alegrarem a vista com horizontes variados, para tonificarem os organismos com as mais puras essencias da Creação.

D'esta fórma se pratica o turismo, cuja atração se pode assim justificar por dois motivos: o primeiro que reflecte simplesmente o desejo de se viver em pleno ar respirando-se livremente o perfume das campinas ou o iodo do mar, sem occupações nem preocupações, liberto de qualquer opressão — emfim: n'um absoluto abandono das coisas imateriaes d'esta vida, para tão sómente se proporcionar ao organismo o descanso de que ele absolutamente necessita para o seu justo e natural revigoramento. D'esta sorte, se pratica esse desporto; por isso que se procura, com o minimo dispendio de esforços e com uma relativa indiferença por tudo quanto possa incomodar, um bem estar physico e moral que só se consegue com o deslocamento do ponto onde habitualmente se vive; sendo-se, portanto, obrigado a via-

jar, a observar novos scenarios, a conhecer outros figurantes — quando não nos isolamos de todo...

O outro objectivo, obedece a uma diversa ordem d'idéas, sendo por isso mais complexo, pois representa a avidez de instrução, n'um amplo sentido.

Os que assim procedem, escravizam-se ao instincto, ao pensamento, ao desejo sempre insaciavel de conhecerem o que ainda não viram, de apreciarem novos horizontes, scenarios diferentes, não simplesmente para regálo da vista, mas para distração instructiva do espirito, para satisfação das exigencias e das faculdades emotivas, que nunca se contentam com o que se lhes apresenta e todas as comoções sofridas são poucas para as contentar.

São estes os maiores peoneiros do turismo, por isso que as excursões constituem o seu melhor prazer; as surpresas da vilegiatura representam, para eles, comoções sempre extravagantes pela sua originalidade, pelo inedito, pelo imprevisto; alimentando-lhes a sua intellectualidade, a que provocam uma actividade saborosa, cheia de intimo gozo pelos ensinamentos que recolhe, pelos prazeres que egoistamente supeteia, pelos subsidios que, delicadamente archivados, se vão juntar em deleitosa sequencia a theorias já conhecidas, a estudos já feitos, a idéas preconcebidas, que então se confirmam exuberantemente.

A felicidade apreciada por estas duas especies de turistas é totalmente diferente,

por isso que é a logica resultante dos motivos que a provocam. Os que se subordinam ao primeiro dos dois motivos enumerados, entendem que essa felicidade só pode ser gozada n'um descanso completo, absoluto mesmo, no maior alheamento de quanto os possa obrigar ao menor dispendio de energia.

Em geral, estes, são os que, por principio, educação e condições de vida, teem um ideal muito limitado; ao passo que os outros entendem de forma diversa, isto é: que uma actividade diferente, impulsionada a todos os seus órgãos é que lhes proporciona o revigoramento a que, em geral, se destina o tempo de que podem dispor, como descanso das labutas diarias, ou como imprescindivel recreio para o espirito atormentado.

Temos, portanto, dois fins diferentes, acionando, todavia no mesmo espaço — o *turismo*.

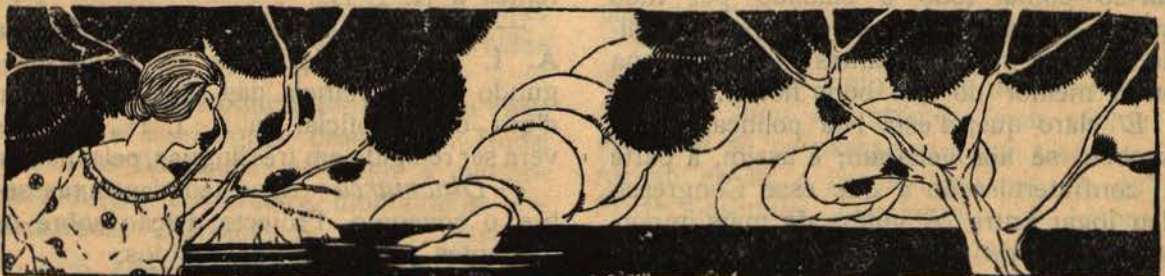
Sem entrarmos em apreciações psychologicas que nos levariam a longas dissertações, não podemos — por motivos obvios — deixar de acompanhar entusiasticamente os que pretendem completar a sua sciencia com novos elementos, gozando todos os prazeres que oferecem as excursões; porque, quando mesmo o cansaço possa atingir qualquer dos órgãos que mais se tenham evidenciado pela actividade dispendida ou pelas comoções sofridas,

ha sempre tempo para descansar e mansões onde nos possamos alheiar de tudo e gozar então o completo abandono das coisas do mundo, ou as recordações saudosas que tenhamos recolhido durante a nossa vilegiatura. N'esta ordem d'ideas, devemos sempre fazer o maximo e compativel esforço para viajar (dando a este termo a sua mais ampla acepção); porque mesmo pequenas que sejam as digressões que possamos fazer, elas, de qualquer fórma, educam-nos o espirito, o gosto, o tacto, a vista e os sentidos; e, muitas vezes, sem os procurarmos, encontramos sitios propicios a uma saborosa meditação ou a um comodo isolamento.

E n'esses momentos, a absorpção por motivos que nos causam prazer, faz-nos descansar da rotina diaria, de tudo quanto nos compeliu a procurar esquecel'o.

Portanto, a vilegiatura, ou seja a pratica do turismo, é absolutamente indispensavel á vida, apreciada e executada seja por que forma fôr. E nenhuma outra quadra desperta mais o apetite para a levar a efeito do que a Primavera, com as suas formosas noites luarentas, espelhando-se nas aguas tranquilas dos lagos e dos mares, com os campos matisados de flores a que uma brilhante claridade solar põe reverberos magicos de inconfundivel beleza.

F. FERNANDES VILLAS



O Congresso Internacional de Hotelaria em Nova-York

A GRANDE ASSEMBLEIA GERAL DO CONGRESSO,
REALISADA EM 21 DE NOVEMBRO DE 1923

A grande Assembleia Geral, realizada em 21 de Novembro de 1923, com que terminaram os trabalhos do importante Congresso Internacional de Hotelaria que teve lugar em Nova York, foi, sem duvida, pela numerosa e cosmopolita assistencia, pela importancia das conclusões a que se chegou e pelas resoluções que foram tomadas, o facto mais significativo d'essa inolvidavel reunião dos hoteleiros mundiaes que, n'uma feliz inspiração, a França e a America juntaram no solo do grande paiz do Novo Mundo, n'uma sympathica e atrahente confraternisação e sob o intuito dos mais praticos e proveitosos resultados.

Deprehende-se, em ultima analyse, que a França, usando d'uma habil diplomacia, não deixou perder a oportunidade de mostrar aos seus antigos amigos americanos, a par da intensa sympathia que nutre por eles, os esforços que continua fazendo para esses seus bons amigos voltarem a dar-lhe a animação moral e material do pezo dos seus doirados dollars, tão necessários agora para a valorisação do franco, como indispensaveis para a reconstituição da sua abalada situação financeira; provando-lhes, ao mesmo tempo, que, com o maior entusiasmo, continua a interessar-se como todo o cuidado por tudo quanto possa oferecer as maiores comodidades aos seus visitantes — e nenhuma outra melhor do que bons hotéis.

E' claro que, d'esta boa politica, outros tambem se aproveitaram; e assim, á parte a confraternisação a que esse Congresso deu lugar entre os vultos da mais importante hotelaria mundial, muitos e interessantes conhecimentos colheram os congressistas não só na vida propria da Ame-

rica do Norte, como na forma pratica e moderna porque é feita a exploração dos hotéis n'esse original paiz.

Por outro lado, a França conseguiu ainda dar maior vulto á Aliança Internacional da Hotelaria, cuja constituição se deve á sua iniciativa, fixando mais o seu valor e a sua estabilidade, de maneira a que ela possa constituir uma verdadeira potencia para defeza dos seus mais directos interesses.

Em face d'esta logica dedução, cabe, pois, ao nosso paiz, como adherente á mesma Aliança e concorrente ao Congresso, tirar o melhor partido dos ensinamentos que n'elle pode colher e das vantagens que lhe pertencem, e não deixar o seu usufructo simplesmente aos outros...

Vamos, agora, dar notã precisa das resoluções adoptadas por essa Assembleia Geral, depois de ter tomado conhecimento das conclusões votadas nas reuniões preparatorias da Comissão Executiva:

— *Inglaterra* — Abolição do «visto» nos passaportes e facilidades de vilegiatura. Modificação das questões d'um interesse comum para todas as nações adherentes á A. I. H.

— *Belgica* — Revisão dos Estatutos da A. I. H. Repartição das quotisações segundo a importancia das Nações. Creação d'um órgão official da A. I. H., que deverá ser redigido em trêslinguas, pelo menos.

— *Dinamarca* — Questão das taxas sobre o consumo. Projecto d'ação sobre os diferentes governos interessados.

— *Japão* — Questão das notas de clientes, por extensão até quinquagessimo ano.

— *Italia* — Revisão dos estatutos. Organização d'uma publicidade de conjunto com o fim de se augmentarem os fundos da A. I. H.. Questões das gratificações e das percentagens.

— *França* — Organização d'uma escola marítima hoteleira.

— *Suissa* — Regulamentação do trafego automobilista. Combinação entre a A. I. H. e as diferentes Associações d'automobilistas e de turismo.

Resolveu-se, tambem, que o «bureau» da A. I. H. se fixasse em Paris e que a proxima Assembleia Geral tenha lugar na mesma cidade.

Em seguida os diferentes delegados apresentaram os seus cumprimentos e os

agradecimentos pela carinhosa recepção de que foram alvos; tendo falado, pela delegação portugueza, o Sr. Leon Kues, que, n'um simples discurso, testemunhou com entusiasmo o perduravel reconhecimento e sincero agradecimento da mesma delegação pelas deferencias e sympathias que lhe foram manifestadas pela Associação dos Hoteleiros Americanos.

E assim terminou o mais recente e importante facto da industria do turismo internacional que, sob os auspicios da A. I. H., vae levar um novo impulso a angariar novos adeptos, mercê da orientação definida agora n'esse Congresso, onde aquella Aliança recebeu uma provada consagração.

PARIS-MARROCOS VIA LISBOA

UM PROBLEMA QUE URGE UMA RESOLUÇÃO

ESTE artigo podia reduzir-se ás lacónicas expressões d'um telegrama, concebido nos seguintes termos:

«O porto de Lisboa está em risco de perder a escala dos vapores da linha de Marrocos, com grave prejuizo dos seus interesses, se o governo portuguez não abrir uma excepção, isentando aqueles barcos do triplo das taxas com que actualmente é afectada a navegação franceza».

Ha, porem, diversas circunstancias que muitos desconhecem e que é bom aclarar.

O turismo marroquino toma, de dia para dia, novas e maiores proporções. Nada menos de 25 hotéis modernos e confortaveis foram construidos ultimamente em Casablanca, Marrackech, Rabat, Mequínés, Fez, Taza e Uida. Alguns d'eles apesar de contarem com uma lotação para mais de 150 hospedes, verificaram a in-

suficiencia d'essa lotação para alojar os turistas que ali teem acorrido.

Trez companhias de navegação fazem o trafego directo da França para Casablanca: a «Paquet», de Marselha, e a «Bland-Line», de Algeciras, esta em communicação com o «Sud-Express»; e a «Transatlantique», de Bordeus. Esta ultima, querendo para si a primazia da rapidez e do conforto, fez tocar os seus vapores em Lisboa para que os passageiros tivessem apenas 24 horas de travessia marítima e uma viagem comoda pelo «Sud-Express», de Paris a Lisboa.

Este serviço foi estabelecido em novembro de 1922, como então noticiámos, e começou logo a surtir os seus efeitos; pois não só os passageiros que teem horror ao enjôo, e por isso ao mar do golfo de Gasconha, utilizaram a via Lisboa, mas tambem aqueles para quem o tempo é dinheiro. Nós, entre outros beneficios indirectos que a escala d'aqueles vapores nos trouxe, tivemos uma communicação

rápida e regular com o território norte-africano, que até então não existia.

Lisboa, mercê d'uma activa propaganda que a «Transatlantique» fez em Paris e a bordo dos seus vapores das linhas da America do Norte e das Antilhas, começou a ser visitada por turistas ricos, pois muitos que iam a Marrocos aproveitavam a circunstancia da escala, para se demorarem uns dias na nossa capital.

Havia, todavia, um grande inconveniente: a chegada tardia a Lisboa do «Sud-Express», que então era ás 9,15 da noite; mas as companhias de caminhos de ferro, das quais a Beira Alta a primeira, trataram de acelerar a marcha do «Sud», que, dentro em pouco, passou a chegar ás 7,20 (duas horas, portanto, mais cedo); passando os vapores a partir do Tejo imediatamente á chegada daquele comboio, para desembarcarem os passageiros em Casablanca no dia seguinte entre as 8 e as 9 horas da noite; realizando-se, assim, a viagem de Paris a Marrocos em 60 horas, «record» que os aviões Toulouse-Casablanca difficilmente conseguiram bater!

Mas, mesmo assim, este serviço não foi perfeito. O «Sud-Express» chegava ás vezes atrasado uma hora e mais, e d'ahí um atraso importante para o vapor, com a agravante de não poder chegar a Marrocos a horas de poder desembarcar os passageiros.

Comtudo, a «Transatlantique» suportou durante seis meses esses inconvenientes, passando depois os seus barcos a tocar em Lisboa pela manhã, a fim de receberem os passageiros vindos no «Sud-Express», na vespera.

Apesar disso, a companhia não descurou a propaganda que iniciára sobre a «via Lisboa», e, junto das empresas ferroviarias, insistia para que o «Sud» voltasse, nas linhas francesas, á velocidade de antes da guerra e para que nas linhas espanholas ela fôsse acelerada, de forma a que a chegada a Lisboa fôsse entre as 4 e as 5 horas da tarde, a fim de que os seus vapores partissem a tempo de chegarem no dia seguinte a Casablanca

pelas 6 horas da tarde, e os passageiros pudessem ainda seguir para Mazagão, Rabat e outros pontos de Marrocos.

D'esta maneira, ficava definitivamente estabelecido o porto de Lisboa como a mais rápida e mais comoda via para se ir de Paris a Casablanca, com o que nós muito tinhamos a ganhar.

N'esta ordem d'idéas o material foi tambem melhorado, sendo os antigos barcos substituidos pelos paquetes «Volubilis» e «Haiti», dois magnificos barcos, muito superiores em conforto, velocidade e tonelagem, aos que fazem as carreiras de Marselha e Gibraltar.

Por outro lado, para que as facilidades fôsem ainda maiores, a companhia resolveu tomar em Paris conta das bagagens de porão aos passageiros que fôsem embarcar a Lisboa, seguindo desde Bordeus, por mar; evitando-lhes assim uma grande despesa, as demoras e os aborrecimentos das alfandegas fronteiriças.

Entretanto surgiu o rompimento comercial de Portugal com a França e os vapores da «Transatlantique» foram onerados com o triplo das taxas, pagas em oiro, pela entrada em Lisboa; o que a levou a suspender a escala; mantendo-a, porém, mas a titulo provisório, na volta, visto os vapores terem uma excelente ligação com o «Sud-Express», no sentido Lisboa-Paris; isto a despeito dos graves prejuizos que a escala dava á companhia; mas na espectiva que um novo tratado de commercio fôsse assignado entre Portugal e França, ou uma portaria fôsse publicada em que o governo portuguez, a titulo excepcional, isentasse aqueles vapores das pesadas taxas que pesam sobre a navegação francesa.

Nem uma nem outra coisa, até agora, foi feita; e decorridos cinco meses de vã expectativa e de prejuizos, a companhia vai suspender definitivamente a escala, levando com ela uma das melhores esperanças para o porto de Lisboa.

E' bom, porem, aqui dizer que o preço das passagens para Marrocos, sendo muito reduzido, por casa da concorrência das outras companhias, não pode suportar as taxas que em Lisboa agora lhe são im-

postas; e para o confirmar bastará dizer que um bilhete de primeira, de Bordeus a Casablanca, custa pouco mais de metade d'um bilhete de igual classe de Bordeus a Lisboa nos vapores das linhas do Brazil, quando a distancia é muito menor.

Diz-se que a «Transatlantique», quando em breve modificar os seus serviços rapidos do Mediterraneo, vai criar uma nova linha de Marselha ou Port-Vendres a Casablanca, com escala por Algeciras. Sendo assim, procurará, certamente des-

envolver o trafego de passageiros por esta via e o porto de Lisboa ficará completamente esquecido.

E', pois, este um problema grave, mas que nos parece bem facil de resolver, isentando os vapores de Marrocos do triplo das taxas, a exemplo do que o governo francez outr'ora fazia, concedendo «permis» para despacho de vinhos do Porto, quando a sua importação era prohibida.

GUERRA MAIO

VISITA A PORTUGAL

D'UMA EXCURSÃO DE TURISTAS URUGUYANOS

A interessante Revista do «Touring Club Uruguyano», relativa ao mez de Fevereiro ultimo — que acabamos de receber, traz uma longa e atrahente noticia sobre a excursão de turismo que aquele Club realisa na Europa, no proximo mez de Maio.

No programa d'essa viagem figura a visita a Portugal; devendo os excursionistas percorrerem Lisboa, Cintra e Cascais, o que lhe dá ensejo a publicar uma excelente gravura reproduzindo o nosso monumental Mosteiro da Batalha, que, todavia, não faz incluir no programa da visita que nos é dedicada.

Como atractivo a esta viagem, escreve o articulista o seguinte periodo que acha interessante traduzir, para que possamos, como nos cumpre — aqui consignarmos a nossa homenagem pela referencia que nos é feita:

«Visitar Londres, Paris, Berlim, Vienna, Roma, Madrid, Lucerne e Lisboa, é ter-se conhecido, senão toda, pelo menos uma grande parte do mais formoso e do mais atrahente que existe no Universo, tal é o cumulo de grandezas e de maravilhas que essas cidades conteem e que produzem sobre o espirito dos que as

«contemplam uma sensação de deslumbramento que se traduz depois em impercível recordação, que acode amiude á mente como uma visão grata, que nunca poderá ser esquecida».

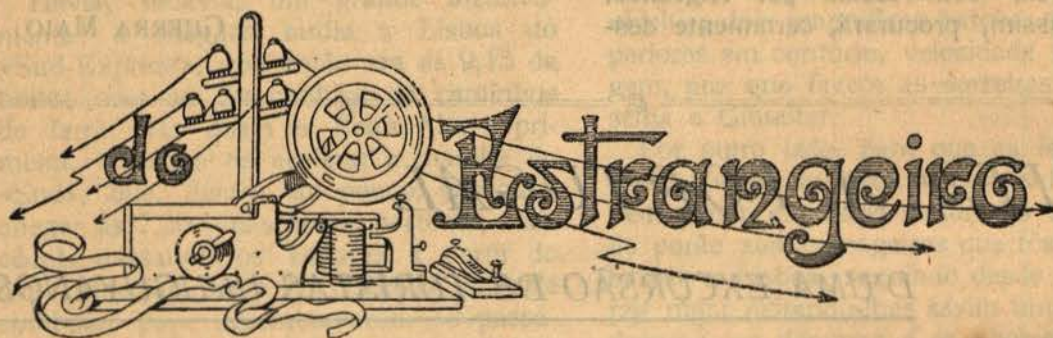
Essa excursão, segundo o programa já elaborado, deverá durar cerca de cem dias, não contando o tempo da travessia maritima desde o novo Mundo ao velho Continente; facilitando, assim, aos excursionistas demorarem-se nos pontos que mais os atrahiam.

Será este um optimo ensejo para se fazer, entre esses excursionistas — que devem ser em grande numero, uma proveitosa propaganda do nosso país, mostrando-lhes, durante o tempo que eles possam consagrar a Portugal, o que ele possui de belo, de interessante e de atrahente; e estamos certos de que as entidades que tem a seu cargo a direcção da industria do Turismo em Portugal, ou seja a Repartição de Turismo e a Sociedade de Propaganda, não deixarão de entrar n'um acordo para, não só nomearem alguém que, como delegado d'essas duas entidades, faça as honras da casa a esses nossos momentaneos hospedes e lhes sirva de intrepente afim de que a sua visita

lhes seja o mais proveitosa possível, mas também, aproveitem a oportunidade para lhes distribuir todas as publicações descriptivas das nossas belezas e das nossas riquezas, o que será um proveitoso reclame que atrahirá, por certo, alguns d'esses excursionistas a dedicarem, em outra ocasião,

uma mais demorada estada em o nosso privilegiado Paíz.

Aqui deixamos a sugestão d'uma idéa que deve merecer a maior atenção das duas entidades a que nos referimos e que, sem duvida, não deixará de ser cuidadosa e urgentemente apreciada.



O "CAMPING,"

VOLTA a estar na ordem dos assumptos de turismo a atrahente questão do *camping*. De resto, estamos proximo da epoca em que se deve iniciar esse interessantissimo desporto, que quanto mais é apreciado tanto mais é desejado.

Nenhum outro se apresenta com as condições emocionantes como este desporto, que, a par dos beneficios phisicos que facilita — quer exigindo uma acção movimentada, quer proporcionando um repouso onde ele se torne mais atrahente — favorece aos que teem a ancia do desconhecido ou o desejo das comoções, ou, ainda, o interesse do estudo que as mil e uma susprezas podem sugerir, impressões difficilmente encontradas por outra forma.

E' sob estes e outros atractivos que se tem criado, sobretudo em França, um communicativo enthusiasmo pela cultura do *camping*, a tal ponto que o Touring Club de França tem já montada e funcionando com o maior interesse uma secção especialmente destinada a orientar esse des-

porto e a facilitar e coodernar tudo quanto possa contribuir para o bom exito da sua pratica.

Como resultado d'esta criteriosa orientação, tem-se constatado um grande desenvolvimento d'esta util e interessante diversão, e o enthusiasmo que, por toda a parte, a sua cultura está despertando, levou já os membros dirigentes d'essa secção a proporem a publicação d'uma lista indicando os pontos mais accessiveis á pratica do «stagio» ao ar livre, para assim se poder responder aos inumeros pedidos de informações dirigidos áquela secção, que trabalhosamente procura corresponder, com o seu melhor esforço, ao enthusias-tico interesse que por todas as formas lhe é manifestado.

Emfim, a ideia tem-se espalhado de tal forma, que o Touring Club de France achou conveniente estudar a proposta que lhe foi feita pela sua respectiva secção, para se fazerem conferencias sobre o modo viavel e proveitoso de se praticar o *cam-*

ping, com o fim de orientar melhor todos os que teem mostrado o maior desejo de conhecer, nos mais minuciosos detalhes, as exigencias a que o exercicio d'esse belo desporto obriga.

E como os meios mecanicos de transporte são os mais poderosos auxiliares da pratica da vida em *camping*, creou-se já um grupo de motociclistas «campeurs», que serão como que uma guarda avançada ou os *boy's-scoutt* das explorações indispensaveis para uma mais segura digressão, quando não se preferir gozar do inedito e das surpresas d'uma viagem de aventura.

Resta acrescentar que em agosto d'este ano, terá logar em Maurienne e em Tarentaise uma grande manifestação de *camping*, para a qual está já sendo elaborado o programa.

Por este resumo se pode avaliar o que se está passando em França no capitulo de *camping*.

Em Portugal nada se sabe a tal respeito; mas crêmos que a pratica d'esse desporto seria, talvez, um meio eficaz de se atenuar a crise das habitações... pelo menos durante o verão.

VIAÇÃO URBANA

AS NOVAS TABELAS PARA ALUGUER DOS TRENS DE PRAÇA

NA ultima sessão da Camara Municipal foi apresentado o parecer da comissão de viação sobre o estacionamento e tabelamento de trens de praça; tendo sido aprovado, depois de larga discussão e com uma ligeira emenda, o projecto de postura apresentado por aquela comissão, o qual marca as seguintes tabelas:

Serviço ás horas:

1.^a hora: 1 ou duas pessoas, 14\$00; 3 ou 4 pessoas, 16\$00; por cada hora a mais: 1 ou 2 pessoas, 10\$00; 3 ou quatro pessoas, 12\$00; por cada meia hora a mais ou fracção, depois da primeira hora: 1 ou duas pessoas, 6\$00; 3 ou 4 pessoas, 8\$00. Qualquer tempo de serviço, alem de dez minutos, é considerado como meia hora.

Serviço por corridas:

Dentro dos limites da antiga area da cidade: 1 ou 2 pessoas, 12\$00; 3 ou 4 pessoas, 20\$00.

O serviço de aluguer, dentro da area da cidade, será feito ás horas ou por corrida, á vontade do alugador; devendo os cocheiros, sob pena de 5 dias de prisão, perguntar aos passageiros, logo que tomem assento no carro, qual a tabela porque desejam optar.

Os cocheiros que exigirem aos passageiros preços superiores aos que ficam estabelecidos nas tabelas ser-lhes-ha aplicada a multa de 40\$00.

Quando os trens estejam nas respectivas praças, a menos de 200 metros das respectivas gares ou dos caes maritimos, e que sejam chamados para d'estas gares ou caes conduzirem passageiros, sendo por corrida, considerar-se-ha esta como partindo das referidas gares ou caes.

Uma copia em portuguez e francez das tabelas de que trata o artigo 2.^o d'esta postura, tendo o numero do trem, será afixada no interior do mesmo, devidamente emoldurada, sob pena de 20\$00 de multa imposta ao conductor.

Fica expressamente prohibido aos conductores de trens, sob pena de 2 dias de

prisão, dirigirem-se aos transeuntes a oferecer-lhes o seu trem, ou instarem pela aceitação do seu serviço, de maneira a causarem incomodos.



Ficam destinados ao estacionamento dos trens de praça as placas da Praça dos Restauradores, considerando-se por esta forma satisfeito o pedido apresentado pe-

los interessados para a Praça de D. Pedro, devendo estacionar em cada uma d'aquelas placas o numero de trens já determinado em posturas anteriores.

E' autorizado tambem o estacionamento de trens junto ao passeio occidental da Praça de D. Pedro, durante as horas de sol e da forma indicada pela secção da policia municipal.

JORNADAS EM PORTUGAL

POR ANTHERO DE FIGUEIREDO

MAs, logo proxima, a Extremadura, farta e franca, canta a alegria de quem «semeia e cria», cobrindo-se de searas, de pastos, de gados. Nas suas lezirias ribatejanas, chatas, verdecidas, interminas, acolá e além mescladas com manchas cinzentas, alazãs, ou negras, de rebanhos de carneiros, de manadios de touros bravos, de récuas de cavalos; — nas suas lezirias vive o campino, em pleno ar livre e sob o sol creador que lhe tisna a face dura, de suíças curtas, as mãos sêcas, e lhe enrijece a alma decidida. Montado na sua esperta faca de maioral, de aparelho almadrixado com a pele de cabra preta de quatro unhas pendentes; esporas de latão correadas em sapatões de bezerro cru, de saltos á prateleira, fincados nos mouriscos estribos de pau com chapas de ferro brunido; calções azues de alçapão botoado de amarelo; meia branca até ao joelho; jaqueta brichenta de remendos negros e alamares de prata; cinta vermelha; carapuça verde com debrum encarnado; e ao hombro o pampilho ferrado e longo do comando; — o campino, bem montado, galopa, de sol a sol, a leziria dilatada, garranchando potros folgados e garraios ariscos, que se afastam da manada ou se estremelham na várzea.

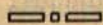
Este é o rijo portuguez das touradas, que, nos redondeis soalheiros das vilas

brancas da borda-d'agua, e nas cidadezinhas transtaganas, rabeja, com mãos de aço, um touro escouceador, ao tempo que outros forcados sobraçam pela cernelha o bicho vilão, parando-lhe os pinotes, estacando-o á força de pulso; e quando na bancada o clarim belicoso ordena pegas de cara, este campino sabe atirar-se intrépido para o touro, depois de encarar n'ele resolutamente, e lhe bater á cabeça duas palmadas decididas, desafiando-o, empinado, a peito descoberto, á cornada mortal, que, afinal, medido o arranco do animalejo, apra em falso, cahindo-lhe, airoso, entre as hastes negras, sobraçando-lhe o pescoço a que se agarra. E enquanto, depois, o touro, no desespero das ferroadas de fogo das farpas sangrentas, volteia a praça, vexado, esbofado, com a lingua negra de fóra, os grandes olhos agoniados de raiva, as narinas abertas, a boca hiante a remugir furias; — o destemido homem, sorrindo, bom rapaz, para a multidão frenética, que, em pé, o vitoria com estrépitos de palmas, limpas as mãos sujas de sangue á carapuça verde, sacode o pó do fato, e, na modestia dos valentes, agradece com simpleza e acanhamento, como se nada merecesse — ¡ele que acaba de jogar uma cartada com a morte!

O baixo Alemtejo é uma charneca ar-

dente condenada, na sua infeldade serra-cena, pelo deus do Islão, ao inferno da sêde eterna. Sob a brasa velada de um sol candente, n'essa arida planicie longa a perder de vista, igual na côr, monotona nas linhas, silenciosa, tristissima, mas grande e nobre, anda a alma penada da charneca, arquejante e desesperada, nas lufadas de fogo, que passam calcinadas, a fender o solo aspérrimo, a estalar a casca dura dos negrilhaes, a causticar a ferida, sangrenta dos sobreiros descascados de fresco, a crestar as raras flores, a queimar as folhas das estêvas e dos azinhos, a atirar ao chão, em sincopes de asfixia, as pegas e os trigueirões que, emboscados nas moitas dos medronheiros, cantam a mêdo, com gargantas sêcas, seus pios de magua... ; Torrão de ferro sob o calor do Inferno, ahí o cavador é Dor!

O Algarve, coberto de amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras, piteiras e espartos, lá no fundo do Portugal, debruçado para além do mar de cobalto, sobre areaes africanos, é terra moura, ardente palreira e comunicativa; e tão branca de cal que fere os olhos; e de céu azul ferrete tão luminoso e alto que em semelhante côr de benção a vista se alaga, se apazigua, se dilata; e, rezando, deliciada na doçura religiosa d'essa tinta divina; — rezando, ascende ao Infinito!



Eis as velhas provincias d'este velho Portugal. Elas teem as côres do Arco-Iris: o Minho é verde tenro; o Douro fragoso, violáceo; as Beiras dos olivedos, polvilha-as o verde mesto das cinzas peneiradas; a Estremadura ribatejana é um poente alaranjado; o Alemtejo é todo amarelo; e o Algarve, todo azul, com chapadas de cal, por entre o verde-negro das figueiras.

No norte e no sul o pintor enche a paleta de branco, de verde cru, de azul; no centro do verde sombrio, e de violeta.

A luz do norte e do sul é um clarim; a do centro, um violoncelo. Nos extremos, metaes; no meio, cordas.

O Minho é uma horta; o Douro, uma serra; Traz-os-Montes, montados; a Estremadura, uma leziria; o Alemtejo, uma charneca; e o Algarve, um pomar. Aqui, a couve e o milho; ali, a vinha; além, o centeio; acolá, o trigo; lá em baixo, a amendoa e a alfarroba.

O homem do norte vive no seu quintal; o do sul, na campina. Um dobra-se sobre os quatro palmos da sua terrinha e, porque esta lhe basta, trabalha a cantar e morre a rezar. O outro estende a vista pela leziria dilatada e a sua alma enche-se de ancia e sofreguidão. Aquele é calmo; este agitado.

A leira humida e solhosa pede um laborzinho cuidado; a planicie calcinada exige mourejar violento. Uma terra convida; outra impõe. O lavrador cá de cima, quando não chove, faz promessas ás santas e aos santos; o lá de baixo, nas inundações e nas secas, pragueja. Aqueles leem cartilhas; estes, jornais. O povo do norte tem os pés n'um relvado; o do sul n'um vulcão.

No norte, a propriedade é de muitos; no sul, de poucos. Esta, em latifúndios, atrahê colonos; aquela, dividida e subdividida em leirinhas, lameirinhos, pinhainhos, atira com o dono, quando moço, para a emigração. As quintas no Minho cabem na palma da mão, e medem-se com os olhos. No Alemtejo, a vista não abrange as herdades que se avaliam galopando-as a cavalo, durante horas. Na leira, ha lavradores pobres e remediados; na charneca abastados e riquissimos.

No norte, o povo ajunta-se em magotes e lá segue de longada, bailando e cantolando, sob a luz crua que bebe a côr fulva das estradas e azula as sombras dos beiraes e dos lenços brancos das cachopas. Suas cantigas ressoam nos outeiros, e os estandartes das suas rusgas ou das suas procissões teem de se dobrar por debaixo das latadas verdes de cachos maduros e sob as copas das velhas carvalheiras que, pendentes dos valados, mancham os caminhos amarelos de sombras violáceas. No sul, a charneca longa e exhaustiva, cria a caravana silenciosa; e

no ar, limpo de árvores, o vento freme os panos das bandeiras insofridas, aos berros — em revolta.

O norte usa chapelão negro, calado e triste; o sul, carapuça garrida de côres, e agitada pelo vento. O minhoto acompanha-se de um cão; o serrano, de rebanhos; o transtagano, de manadas.

Nas conquistas, para baixo do Mondego, guerreou-se; para cima guerrilhou-se.

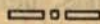
Os santos são do norte; os poetas, do centro; os navegadores, do sul.

Cá em cima, os galaicos misturam-se com os astúrio-leoneses; lá em baixo, os lusos cruzaram-se com os mouros.

Aqui, arias; ali, semitas.

Meio paiz é celta; outro meio é arabe.

Portugal tem dois portugaes distinctos, que deviam de viver separados — sobre si, embora unidos n'uma só força para as acções comuns. As raças são, além de côres diversas, luzes de sentimento diferentes para os povos se saberem guiar e agrupar em volta d'elas; e as serras e os rios, muros de terra e balizas de água a delimitar regiões e nações: — deuses Térmos que ensinam politica aos homens.



Como Portugal é vario e vivaz, pitoresco e lindo! Tem de tudo: outeiros e montanhas; serranias e planícies; cachoeiras e ribeiros; pincares alpinos e rias holandezas de terras salgadiças sulcadas de canaes de aguas quietas, entre arrozaes e salinas, onde florescem as velas brancas dos saveiros; tem jardins como a Italia e pomares como a França; tem matas espessas e mar chão; tem, em Setubal e Lagos, bahias de aguas azues como a de Napoles, e ilhotas de fragueudos de ouro e de escarpas de fogo e violeta, como, ao poente, os perfis metallicos de Isquia e de Capri; tem, na costa da Areosa, veigas chãs de trigaes, e milheiraes que se estiram até á babugem das ondas, creando o perfume novo do feno dos campos misturado com o do sargaço dos mares; tem, nos estuários do Lima, do Cávado e do Sado, ao sol,

as pedrarias das aguas venezianas, que ensinaram scintilações de maravilha ás pupilas dos Tintoretos e dos Veroneses: e, em noites brancas, as brumas misteriosas das terras flandrinas, para os sonhos do luar nevado; tem no sul a luz quente das Espanhas, para o reboliço colorido das touradas solheiras e agitadas; tem no norte luz escandinava para romarias pintalgadas de côres vivas, tilintadas de repiques de sinetas alegres, e rumorosas de descantes ao desafio, de bródios, de danças, de cornetas de barro, de gaitas de toles, de harmonios e requintas, de pregões, de gritos, de morteiros a troar, de foguetes a estrelajar. O sol é cobre cadente e o luar escorre a luz das porcelanas aniladas que nos vieram da India. Os pinheiraes cheiram a caruma brava; os montados, ao acre das giestas; os campos, á terra lavrada; as leiras, ao abafo dos bois; e a costa, á babugem humida da maresia e dos sargaços frescos e sadios.

Portugal, proa da Europa, que sulcastes mares «nunca d'antes navegados», e descobristes para além das névoas, remotos mundos de florestas verdes e virgens, de rios de safira, de palacios e pagodes, de ouro e pedrarias; Portugal de santinhos meigos, de fidalgos leaes, de troveiros galhardos, de soldados destemidos, de mareantes audazes, de lavrantes primorosos, de lavradores humildes; campo solheiro de pão; jardim de cravos, girasoes e camelias; terra de lendas, de historia heroica, de soberbas glorias; Portugal de aventura, da paixão e da saudade; — Portugal, meu amor, — quem te não estremecerá?



«REVISTA DE TURISMO»

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Portugal—Cont. — semest.	5\$00
Ano.....	10\$00
Colonias—ano.....	15\$00
Estrangeiro—ano.....	20\$00
Numero avulso	1\$000 réis (1\$00)

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAFICO COLONIAL—Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 27 — (Antigo Largo d'Abegoria)